

LITERATURA, ARTE E SOCIEDADE: UMA LEITURA DE GÊNERO DA OBRA *JÚLIA*, DE SANDRA NEWMAN

¹Acadêmica do Curso de Letras – IFTO Campus Palmas. Bolsista do PIBIC/PIBID. Fisioterapeuta. E-mail: <ariadne.medeiros@estudante.ifto.edu.br>

²Doutora em Ciências do Ambiente (UFT), Mestre em Sociologia (UFG), Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais (UFG). Professora e pesquisadora do Instituto Federal do Tocantins – IFTO. Pesquisadora nas áreas de Gênero, Ensino, Educação, Ambiente e Sociedade. E-mail: <juliana.castilho@ifto.edu.br>

1 INTRODUÇÃO

A literatura pode, por vezes, opera como uma expressão estética e qualitativa, assim como, um instrumento de análise e intervenção social. Sob a perspectiva da Sociologia da Literatura (BOURDIEU, 1992; SAPIRO, 2014), o texto literário constitui um campo simbólico em disputa, onde se produzem sentidos, identidades e formas de resistência. Narrativas podem reforçar estruturas de dominação ou criar fissuras que permitam questioná-las.

O romance *Júlia* (2023), de Sandra Newman, é uma reescrita autorizada de *1984*, de George Orwell, que desloca o foco narrativo do personagem masculino de Winston Smith para a personagem Júlia Worthing, secundária, na obra originária. Essa operação revela a força da literatura na desconstrução de papéis de gênero e na ampliação das representações femininas no cânone distópico.

A escolha do espólio responsável pela guarda intelectual da obra de Orwell, para a escrita de *Júlia*, reflete um movimento contemporâneo de revisitação crítica de clássicos, valorizando vozes antes marginalizadas, pautando pelas questões de gênero. Ao assumir a narrativa, Júlia ganha subjetividade, agência e complexidade, permitindo uma leitura que articula gênero, poder e resistência. Essa mudança, além de literária, é política e epistemológica, pois questiona arquétipos femininos e reposiciona a mulher como sujeito histórico e social.

A relevância do estudo reside na possibilidade de compreender como reescritas literárias funcionam como gestos críticos e de resignificação do imaginário coletivo. A partir de *Júlia*, analisam-se representações de vigilância, corpo, linguagem e opressão, articulando ficção e reflexão sociopolítica.

2 OBJETIVO

Analisar *Júlia*, de Sandra Newman, a partir das relações entre literatura, arte e sociedade, com enfoque na representação de gênero e nas estratégias narrativas que resignificam o universo distópico de 1984.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa adotou a metodologia de análise de conteúdo conforme Bardin, pela sua capacidade de revelar dimensões simbólicas, ideológicas e sociais no texto literário. Foram identificadas e categorizadas ocorrências relacionadas aos eixos: a) vigilância; b) corpo e sexualidade; c) linguagem; d) opressão e resistência.

A abordagem foi fundamentada na Sociologia da Literatura (BOURDIEU, 1992; SAPIRO, 2014) e nos estudos de representações sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001), associando

crítica feminista e teoria social. A análise concentrou-se na comparação entre a representação de Júlia em 1984 e em Júlia, observando mudanças narrativas e ideológicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a reescrita de Newman atua como contra-discurso ao texto orwelliano. Enquanto em 1984 Júlia é construída pela ótica masculina, erotizada e funcional à narrativa de Winston, em Júlia ela emerge como protagonista dotada de consciência crítica e estratégias de sobrevivência no regime totalitário.

A vigilância, central na distopia, adquire nova camada: além do controle estatal, há autopolicamento constante, sobretudo sobre o corpo feminino. Essa dimensão íntima explicita como o patriarcado e o autoritarismo se reforçam mutuamente.

O corpo e a sexualidade, que em Orwell aparecem como rebeldia romântica, em Newman tornam-se territórios de resistência estratégica. O desejo é controlado pelo Partido, mas preservado pela protagonista como espaço privado de autonomia.

A linguagem, manipulada para esvaziar sentidos, é contraposta à linguagem interior de Júlia. Seu trabalho no Ministério da Verdade expõe a construção de narrativas oficiais, mas sua consciência mantém um “capital simbólico” resistente à manipulação.

A opressão é narrada com interseção de gênero: a protagonista enfrenta controle político e violência simbólica pelo fato de ser mulher. Sua resistência é pragmática, subterrânea, operando fissuras no sistema sem ilusões de derrubá-lo, mas garantindo sua sobrevivência com lucidez.

Essa reconfiguração dialoga com Sapiro (2014), ao mostrar que a literatura não só reflete estruturas sociais, mas atua ativamente na disputa por significações. A obra de Newman reposiciona o feminino no imaginário distópico, tensionando o cânone e desafiando arquétipos cristalizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que Júlia amplia a compreensão do universo de 1984 ao inserir a perspectiva feminina como elemento central. A reescrita não contradiz a obra original, mas a expande, revelando lacunas e oferecendo novas interpretações sobre vigilância, corpo, linguagem e opressão.

O gesto de Newman é, simultaneamente, literário e político: reinscreve a mulher como sujeito histórico e social, questiona representações tradicionais e reafirma a literatura como espaço de crítica e transformação.

O estudo confirma que revisitar clássicos sob novos olhares pode gerar narrativas que não apenas refletem, mas tensionam e transformam imaginários sociais, contribuindo para debates contemporâneos sobre gênero e poder.

6 AGRADECIMENTOS

Agradeço ao IFTO pelo apoio institucional e à equipe de orientação pela contribuição crítica na elaboração e desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). Representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NEWMAN, Sandra. Julia. London: Granta Books, 2023.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAPIRO, Gisèle. Sociologia da literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

JORDAN, Justine. Releitura feminista de Mil Novecentos e Oitenta e Quatro aprovada pelo espólio de Orwell. The Guardian, 7 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2021/dec/07/feminist-retelling-of-nineteen-eighty-four-approved-by-orwells-estate>>. Acesso em: 7 ago. 2025.

JORDÃO, Pedro N. Releitura feminista do livro 1984, de George Orwell, chega ao Brasil. CNN Brasil, 18 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/releitura-feminista-do-livro-1984-de-george-orwell-chega-ao-brasil/>>. Acesso em: 7 ago. 2025.

WAGNER, Erica. Julia, de Sandra Newman: perspectiva feminista sobre o legado de Orwell. The Telegraph, 11 out. 2023. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/books/what-to-read/julia-by-sandra-newman-review/>>. Acesso em: 7 ago. 2025.